

Introdução

Renata Paiva Cesar

“o criador age sobre o material assim como o escultor sobre o mármore, o marceneiro sobre a madeira e o professor sobre a alma dos alunos” (HOURDAKIS, p. 77, 2001).

O filósofo francês André Comte-Sponville afirma que não são os valores que faltam a nosso mundo, o que falta a nosso mundo é a virtude. “Um valor é uma abstração. Uma virtude é um valor encarnado, e em ato! Se há uma crise de valores, não é culpa minha. Se careço de virtude, só posso culpar a mim mesmo” (CHARLES, p. 61, 2006).

Podemos afirmar que a reflexão das virtudes inicia-se no mundo antigo com Sócrates, que acredita que a virtude é o fim da atividade humana e se identifica com o bem que convém à natureza humana. Sócrates pensa a ética como uma força transformadora.

Platão desenvolve as idéias de Sócrates e apresenta a virtude como meio para atingir a bem-aventurança, propondo quatro virtudes cardeais: sabedoria, fortaleza, temperança e justiça.

Posteriormente, Aristóteles desenvolve a questão da ética. Ele acredita que a virtude provinha do hábito (imitação e repetição) e que era uma qualidade ou disposição permanente do ânimo para o bem. Aristóteles acrescenta uma análise de seus elementos; as virtudes não são somente hábitos intelectuais, como acreditavam Sócrates e Platão, mas também de vontade. Não existem virtudes inatas, estas se adquirem pela imitação e repetição dos atos, o que gera o costume. Em Aristóteles, a virtude consiste na justa medida.

A virtude está associada ao “fazer” e ao “agir”, é um hábito ativo. Aristóteles entende a educação como uma atividade e uma força que produz uma obra política, social ou moral. É por intermédio da educação que o homem tentará obter o *eudemonismo*: “a felicidade não é a virtude, a felicidade é a atividade para a qual tende a virtude” (HOURDAKIS, p. 51, 2001).

Para Aristóteles a noção de felicidade é de extrema importância, visto que o objetivo fundamental na vida das pessoas é alcançá-la. A finalidade última das ações dos homens é a *eudaimonia*; a felicidade é o próprio “fazer” e não está ligado com estado de espírito do homem: “eudaimonia não se refere a um estado mental de euforia, como tende a fazê-lo ‘felicidade’: ser eudaimon é realizar-se, ter uma vida de sucesso”. (BARNES, p. 124, 2001).

Esta realização humana requer o exercício das ações de virtude e dentre estas virtudes Aristóteles faz a distinção entre virtudes morais e virtudes de intelecto (BARNES, p. 125, 2001). Sobre esta distinção Aristóteles afirma que:

“Sendo dupla a virtude – uma intelectual, a outra moral -, a virtude intelectual tem gênese e aumento em grande parte pelo ensino (por isso requer experiência e tempo), ao passo que a virtude moral resulta do hábito” (in: Zingano, p. 41, 2008)

Assim é necessário ter “familiaridade com a virtude” e o hábito seria esta familiaridade. O “*habitus* produz ações e reproduz práticas” (SACRISTÁN, p. 84, 1999).

Aristóteles acredita que o instinto de imitação é bem desenvolvido no homem e se manifesta desde a infância, “a imitação é um princípio de instrução e de alegria” (HOURDAKIS, p. 71, 2001), portanto, a imitação é entendida como energia e ação produtiva. Percebemos que há, na educação, um fim último, que é aprender as virtudes para alcançar a felicidade e, a felicidade, “é a ação perfeita e o exercício da virtude” (HOURDAKIS, p. 50, 2001).

A felicidade é o maior bem realizável e para alcançá-la a prática das virtudes se faz necessária. Nascemos ‘potencialmente’ virtuosos, basta que transformemos esta potência em ato, deste modo, podemos aprender e ensinar as virtudes.

O estudo das virtudes no fim do século XX teve um novo impulso com a obra “Pequeno Tratado das Grandes Virtudes” de André Comte-Sponville. Esta obra lançada na França em 1995 colocou o tema das virtudes novamente na agenda filosófica. A obra é um tratado de teoria moral, sendo que a moral não é entendida somente como filosofia moral, mas, sobretudo, como moral aplicada (CHARLES, p. 60, 2006).

Comte-Sponville acredita que é necessário pesquisar acerca das virtudes, os livros serviriam para tentar compreender “o que deveríamos fazer, ou ser, ou viver, e medir com isso, pelo menos intelectualmente, o caminho que daí nos separa, (...). Que livro é mais urgente, para cada um de nós, do que um tratado moral? E o que é mais digno de interesse, na moral, do que as virtudes?” (COMTE-SPONVILLE, p. 04, 2001).

No entanto, no que tange as virtudes, não basta teorizar, tem-se que buscar a prática, para que seu exercício torne-se um hábito como propõe Aristóteles.

Também para Comte-Sponville (2001) a virtude é “uma força que age, ou pode agir” e pode ser ensinada pelo exemplo. “A virtude de um ser é o que constitui seu valor, em outras palavras, sua excelência própria, (...), qual é a excelência do homem?”: **A virtude do homem é agir humanamente.**

Considerando, portanto, que é por intermédio da educação que o homem obtém a virtude e que a virtude é o caminho para se alcançar a felicidade, faz-se necessário questionar de que maneira a reflexão filosófica sobre as virtudes, produzida na sala de aula, pode contribuir na “formação eudômica” do aluno de ensino médio?

Como afirma Comte-Sponville “Toda virtude é, pois, histórica, como toda a humanidade, e ambas, no homem virtuoso, sempre coincidem: *a virtude de um homem é o que faz humano*”. (p. 05, 2001). Percebemos que nosso mundo precisa cada vez mais de virtudes. Comte-Sponville afirma que “pensar as virtudes é medir a distância que nos separa delas. Pensar sua excelência é pensar nossas insuficiências ou nossa miséria” (p.07, 2001). É por isso que as virtudes são fundamentais, pois são a prática dos valores, as virtudes são nossos valores morais em ato e estão diretamente ligadas à finalidade última das ações do homem que é a felicidade.

Diante da educação que parece prevalecer apenas o ensino técnico e utilitarista, é necessário pensar em uma educação que possa ir além, fornecendo um ensino que possa humanizar os alunos. A reflexão filosófica na sala de aula “*há que caracterizar-se como um processo de ações que busquem revolucionar o cotidiano de nossas vidas e de nossa sociedade*” (GHEDIN, p.24, 2008).

O que propusemos aqui foi um estudo de caráter exploratório que buscou seguir as diretrizes de leitura propostas por Severino (2000). Nosso estudo foi dividido em três capítulos: um que trata da obra aristotélica (*Ética à Nicômaco*) de modo geral; o segundo trata das virtudes aristotélicas e sua posterior interpretação elaborada por André Comte-Sponville; e o terceiro traz um panorama acerca do ensino de filosofia no Brasil, a necessidade e a contribuição da filosofia como disciplina. Por fim, apresentamos uma proposta de ensino de filosofia voltado para uma educação para a felicidade.

Partindo da clássica divisão das ciências proposta por Aristóteles, nos detivemos em um tipo de ciência, filosofia prática, na qual a *Ética* é uma de suas partes. Assim, procuramos situar a obra aristotélica (*Ética à Nicômaco*) que nos serviu de referencial ao longo de todo o estudo afim de que pudéssemos compreender qual

seria sua função no sistema filosófico aristotélico. Em seguida, buscamos compreender a teleologia da Ética e qual seria a função das virtudes na vida do homem. Ao considerar a própria teleologia da Educação, buscamos compreender o que seria uma educação para a *eudaimonia* e assim propor uma reflexão acerca do ensino de filosofia e sua capacidade de humanizar.

Nosso objetivo terá sido alcançado se pudermos fomentar discussões acerca da importância da filosofia prática no âmbito escolar. A proposta foi a de relacionar as virtudes com o ensino de filosofia no ensino médio e então, balizar um referencial teórico que permita a instrumentação dos alunos na sua capacidade de reflexão e crítica, pertinentes a um pensamento autônomo, baseado em uma reflexão filosófica pautada pela ética aplicada.

Boa reflexão!

Revista Pandora Brasil

<http://revistapandora.sites.uol.com.br/>